

De

# AS EXTENSAS INSTRUÇÕES ORAIS

*DO PRECIOSO MESTRE DO DARMA*

*CHETSANGPA RATNA SRI BUDDHI*

**SESSÃO 2, SÁB & DOM 27-28 DE FEVEREIRO DE 2021, 7H-14H E 7H-10H**

## INTRODUZINDO A MENTE COMO ELA É

*Om Mani Padme Hung Hri*

O precioso Lama também disse:

Neste momento, nós todos temos as liberdades e oportunidades de uma existência humana preciosa, que é tão difícil de obter. Se você quer ganhar o resultado permanente da budeidade, é necessário praticar o darma sagrado. É dito que os métodos para seguir o caminho do darma sagrado são vastos além da compreensão, mas para nós que meditamos, os comentários e explicações dos sutras externos e dos tantras internos não são tão importantes. Nós precisamos apenas de uma instrução falada pelo sagrado guru realizado, com a qual nós podemos compreender nossa mente como a raiz de todo samsara e nirvana. Se isso é verdadeiramente compreendido, então, todas as doutrinas faladas pelo Buda, tanto o sutra quanto o tantra, e as doutrinas e a literatura dos grandes santos estão presentes dentro de sua própria mente. Quando aquilo acontece, então, o que é chamado 'conhecendo a si, liberando a tudo' vem. Se a mente não é compreendida, então, embora você possa conhecer muitos darmas, tal conhecimento é vasto, mas com o centro oco – você sabe, tudo mas não pode alcançar uma coisa sequer. Por essa razão, é necessário compreender apenas esta mente em si mesma.

Se você se pergunta como a mente é compreendida, bem, o é através de um conhecimento claro sobre os três aspectos da base (*gZhi*), do caminho (*Lam*) e do resultado (*'Bras-Bu*).

### **1. A BASE**

Primeiramente, considerar como a base repousa. A maneira intrínseca de nossa própria mente é primordial, sem artifícios e instantaneamente presente. Ela não é feita pela meditação dos budas e não é afetada pela estupidez dos seres sencientes. A presença original da mente não depende de causas e condições. Ela é vazia, sem existência inerente, e é livre de toda elaboração conceitual. No início, a mente em si mesma é sem fonte e, portanto, é vazia. No decorrer, ela é sem local de repouso e, portanto, é vazia. Ao fim, ela não possui destino e, portanto, é vazia. A essência da mente não pode ser compreendida como isto ou aquilo e, portanto, é vazia. Ela é sem forma e cor e, portanto, é vazia. Essa vacuidade não é uma aniquilação vazia, pois a claridade intrínseca da mente é pura e a tudo permeia.

A mente é, ela mesma, a fabricante de todo samsara e nirvana. Imutável, sua presença é instantânea. O que quer que seja possível aparece, embora sem existência inerente. A mente é profunda, precisa e está além de qualquer medida. Ela pode aparentar existir, mas é, de fato, vazia devido a (irrealidade de) entidades e sinais. Ela pode parecer não existir, embora ela mostre formas ilusórias. A presença original

da mente é além do pensamento e não se torna um objeto do pensamento. É impossível dizer com que ela se parece. Além do pensamento, ela é inexprimível. Ela não é tocada por quaisquer falhas ou boas qualidades. A presença original da mente não é obscurecida por quaisquer boas ou más condições cármicas. Ela não é manchada pelas impurezas todas da confiança em sinais. Nenhum dos nomes de todos os fenômenos do samsara e do nirvana podem ser aplicados a ela.

A presença original da mente é livre de toda limitação de agarrar-se a dualidades tais como permanente e impermanente, esperança e dúvida, inibição e encorajamento, rejeitar e aceitar, bom e mau, grande e pequeno, alto e baixo, preso e livre, feliz e triste, e assim por diante.

A presença original da mente não é feita por ninguém. A ela não se pode atribuir nenhum tamanho ou dimensão. Ela é livre de toda parcialidade. Ela é além de ser algo que possa ser indicado ao se dizer “*ela é isto.*” Desde o princípio, ela é perfeitamente pura e repousa em grande equanimidade perante tudo dentro do samsara e nirvana. Aqueles que realizam isto possuem o chão ou base (*gZhi*) da budeidade. Aqueles que não realizam isto possuem a base do surgimento como seres sencientes. Portanto, isto é chamado de "A Base de Tudo" (*Kun-gZhi*).

## 2. O CAMINHO

A prática que constitui o caminho é compreender a falsidade de maneira que a confusão seja liberada. Primeiramente, em relação ao modo da delusão, muito brevemente, a maneira intrínseca da mente repousa como abertura (*Ngo-Bo*), imediatez (*Rang-bZhin*) e potencial (*Thugs-rJe*). Nossa abertura é vazia e livre de elaborações conceituais. Sua imediatez é a claridade instantaneamente presente. Seu potencial emerge incessantemente como diversidade.

Embora, desde o princípio, a mente em si mesma repouse como a presença desses três modos perfeitamente puros (*sKu gSum*), ela é instantaneamente obscurecida pela impureza advinda das três formas da ignorância. Devido a isso, a sua própria presença não é conhecida.

### a. O caminho da delusão

Primeiramente, há a ignorância coemergente (*Lhan-Chig sKyes-Pa'i Ma-Rig-Pa*), através da qual a lembrança inata de nossa presença (*Rang-gSal Gyi Dran-Pa*) na maneira intrínseca da mente, como os três modos, não emerge. Devido a isso, há estupidez, escuridão, obscurecimento, inépcia e profunda falta de visão. As boas qualidades dos modos e reinos do Buda não são conhecidas. E as falhas rudes do carma e as aflições dos seres sencientes também não são conhecidas. Então, repousa-se em um conhecimento muito fraco e incerto. Isso é ignorância coemergente.

Devido à emergência de hábitos sutis de apego a essa ignorância surgida anteriormente e devido à influência imprevisível dos objetos dos seis sentidos, a consciência parece ser interna e imprevisível, e, então, crê-se que os eventos e as condições são reais. Com isto, ao se apegar a objetos como bons e maus, aceitando-os e rejeitando-os, os objetos parecem ser reais e, assim, repousamos nas três aflições da estupidez, aversão e desejo. Então, em direção ao que quer que surja como uma aparência para os seis sentidos, se algo parece bom, há desejo; se não parece bom, há aversão. Se é sustentado como nem bom nem não-bom, há a estupidez da ausência embotada de pensamento. Dessa forma, há desejo e aversão, aceitação e rejeição, encorajamento e inibição. Isso é chamado de 'A ignorância da identificação' (*Kun-Tu-brTags-Pa'i Ma-Rig-Pa*).

Nessa direção, da raiz da ignorância, as seis aflições surgem sem controle e, assim, nos vemos como viajantes (*Gro-Ba*), vagando nos seis reinos e experimentando os sofrimentos de cada um deles. Isso é chamado de 'a ignorância de não entender a causa e o efeito' (*Las rGyu 'Bras La rMyong-Pa'i Ma-Rig-Pa*).

Isso demonstra a forma pela qual as três formas de ignorância amadurecerem como resultado do samsara.

## **b. O caminho da liberação**

Desde tempos sem princípio, a base tem sido inerentemente pura na forma de abertura, imediatez e potencial, os três modos instantaneamente presentes. Desse modo, ao despertar para como se realmente é, a claridade da autoconsciência surge como o sol e desperta a escuridão da ignorância coemergente. Por despertar para a multifacetada exibição incessante do potencial inato da lucidez, a aparência se torna autoemergente e autoliberada, e isso dispersa a ignorância da identificação. Porque a ignorância da identificação foi purificada, a raiz da força vital das ações negativas foi cortada e, então, a ignorância do não-entendimento das causas e condições se autopurifica.

Além disso, aqueles que entendem a sua própria falsidade são conhecidos como 'budas' e aqueles que não entendem a sua própria falsidade são chamados de 'seres sencientes'. Mas estes são apenas termos convencionais, uma vez que não há sequer um fio de cabelo de largura de diferença entre a forma intrínseca dos budas e a dos seres sencientes. Eles são separados apenas pela condição de estarem despertados ou não. No meio do samsara e do nirvana, há apenas a letra A (vacuidade) – essa é a verdade real.

Existem três aspectos para proteger a lucidez da claridade inerente diante da própria falsidade: visão, meditação e ação.

### **A Visão**

A visão indica a confiança clara e definida no seu alinhamento contínuo com o modo intrínseco, livre da mácula da ignorância. Esses são os três modos, instantaneamente presentes.

### **A Meditação**

A manutenção da visão é chamada de meditação. Conectado com isto está o ensinamento dos métodos para manter a mente firme. Para começar, interrompa as atividades de corpo, fala e mente.

Reze para o seu guru, que tem todas as qualidades necessárias. Funda sua mente com ela. Neste estado, não persiga ideias do passado. Não espere por ideias do futuro. Mantenha a sua lucidez presente, livre de todo o artifício, deixando-a ocorrer em sua própria maneira. Não a modifique com bons pensamentos. Não a misture com maus pensamentos. Sem importar como ela se apresenta, não a modifique de forma alguma.

Mantenha sua mente clara, feliz, brilhante, nua, tranquila e relaxada. Mantenha a abertura como uma felicidade vazia, imediatez como uma felicidade clara, e o potencial sem impedimentos. Sem qualquer objeto de meditação, permaneça sem oscilar, nem sequer por um instante.

Se pensamentos surgirem deste estado – eles não têm fundação ou raiz –, então olhe claramente para a realidade do que quer que surja. Sem aceitar ou rejeitar, permaneça relaxado e aberto. Se você pratica de forma muito intensa – o problema dos muitos pensamentos excitados e selvagens irá se desenvolver –, então pratique de forma relaxada e livre. Se você relaxar demais – o problema do colapso e do embotamento vai se desenvolver –, então permaneça alerta na presença da lucidez.

Repousando nesse estado, a realidade intrínseca da sua própria lucidez é a claridade vazia, livre de substância. Sem apego, ela é livre. Sem anseio, ela é feliz. Sem pensamento, é completamente autêntica. Sem interno ou externo, é direta. Não é tocada por qualquer falta ou por qualquer boa qualidade, não importa qual seja. Não é obscurecida por qualquer ação boa ou ruim, não importa qual seja. Não é limitada. Não é atada. É nua, quieta, sem máculas, não obscurecida. Não é feita nem alterada por quem quer que seja.

Quando uma realização direta e clara desta verdade primordial, não-artificial e livre de esforços emerge, então o que quer que surja deste estado, seja êxtase, clareza e ausência de pensamentos, ou colapso e excitação com bons e maus pensamentos, ou pensamentos de aflição ou os pensamentos de apreensão que surgem conjunto às aparências e sons que emergem devido aos objetos dos seis sentidos, tome o que quer que surja como objeto de meditação. Sem aceitar ou rejeitar, inibir ou encorajar, permaneça claro e relaxado com quaisquer aparências que emergem. Através disto, os pensamentos não precisam ser rejeitados. A mente em si mesma não é mera vacuidade, uma vez que a sua claridade inata surge como o modo intrínseco do dharmakaya. Em todos os momentos, seja comendo, dormindo, se movendo ou sentando, você deve manter, sem oscilar, o estado da não-meditação.

Se você achar que perdeu a conexão com a sua claridade inerente, então, tal como explicado acima, você será obscurecido pela ignorância. Não importa quanta virtude seu corpo e fala compostos (*Dus-Byas*) realizem, isso não passa de ignorância co-emergente. Agora, por que isso é assim? A essência da ignorância é a oscilação, o esquecimento, a obscuridade, a não-consciência, a falta de cuidado e a indolência. A essência da lucidez é a autoconsciência da sua própria falsidade e também a claridade e a vacuidade. É nua, sem amigos, solitária, com uma presença que transcende a conceitualização. Assim, permaneça exatamente na lucidez sem fazer qualquer outra coisa.

## A Ação

Em todos os tempos e situações, não permita que a lucidez siga sob o poder de condições positivas e negativas. Externamente, não se engaje em atividades mundanas. Internamente, pare suas atividades dárnicas. Não realize quaisquer práticas dárnicas, não importa quais sejam. Seja completamente familiar com a única e verdadeira prática de estar desperto para a sua própria lucidez, como a essência de todos os budas dos três tempos.

## 3. O RESULTADO

Com a realização dessa prática da sua própria lucidez, ela está presente sem esforço ou atividade intelectual. Assim, os três modos da lucidez são realizados em seu próprio lugar e ganha-se o resultado do que é convencionalmente chamado de budeidade.

Além disso, a abertura da lucidez é o modo intrínseco não-nascido (*Chos-sKu*). A imediatez da lucidez é a clareza inata do modo do fruição (*Longs-sPyod rDzogs sKu*). O potencial da lucidez é o modo de aparição que tudo permeia (*sPrul-Pa'i sKu*). Na forma intrínseca, os três modos são inseparáveis como o único ponto de realidade (*Chos-Nyid Thig-Le Nyag-Chig*). Então, indistinguível do modo intrínseco Samantabhadra, a consciência vai diretamente para Akanishta, onde definitivamente se ganha a budeidade como um completo e perfeito Samyaksambuddha.

Portanto, mantenha isso em mente.

## INTRODUZINDO A MENTE COMO ELA É

*Om Mani Padme Hung Hri*

O precioso Lama também disse:

O único ponto essencial que nós, praticantes do darma, precisamos saber é o dos três modos presentes instantaneamente, através da base, caminho e resultado.

Além disso, a base contendo as duas purezas é conhecida como modo intrínseco. O que isto significa?

**Pureza primordial.** Desde tempos sem princípio, a base tem sido inerentemente pura. Sua essência é vazia, desprovida de substância própria. Está livre de todas as interpretações. Não é um objeto para o intelecto e transcende causas e condições. Está além do pensamento e da expressão. É a clareza como a esfera da lucidez. Desde tempos sem princípio, ela é intrínseca e perfeitamente pura.

**Pureza inoxidável.** As manchas das três formas de ignorância derivadas são removidas pelos três modos de lucidez, revelando a clareza vazia da lucidez livre de obscurecimento. A clareza inata de uma pessoa é crua, estável, nua, singular, não confinada e só. Essa pureza inata é desimpedida sem dentro ou fora. Isso é conhecido como o modo intrínseco detentor das duas purezas.

O **caminho** é o modo de fruição que possui as cinco certezas. Como clareza da forma intrínseca da própria lucidez, como seu próprio aspecto, o modo de fruição permanece como a presença das cinco certezas. Isso se aplica não importa onde se esteja no caminho dos procedimentos de desenvolvimento e aperfeiçoamento (*bsKyed-rDzogs Kyi Rim-Pa*). Seu lugar certo é a hospitalidade infinita (*Chos-dByings*), livre de qualquer interpretação. Os professores certos são a expressão pacífica e irada da clareza inata da lucidez. Os círculos certos são os bodhisattvas em união, a autoaparição incessante (*Rang-sNang*) da lucidez. O darma certo é o reconhecimento da própria realidade por meio de sua autoaparição. O tempo certo é a permanência da imutabilidade sem esforço. Esses são o que se conhece como as cinco certezas do modo de fruição.

O **resultado** é o modo de aparição com as cinco não-certezas. Com a realização do significado do modo intrínseco não-nascido e o poderoso fluxo do modo de fruição incessante, as várias formas de potencial surgem e se liberam por si mesmas. Por meio disso, o resultante modo de aparição atua para o benefício dos seres sencientes por meio das cinco não-certezas. Assim, a não-certeza do lugar é a habilidade de ir a qualquer lugar nos seis reinos onde seja necessário, para o bem daqueles que estão prontos. A não-certeza da forma é a capacidade de se manifestar em qualquer forma que seja apropriada para educar os seres. A não-certeza do séquito é a possibilidade de estar disponível para quem precisar de ajuda, sejam eles altas ou baixas, bons ou maus. A não-certeza do darma é a habilidade de ensinar os diferentes veículos de acordo com a capacidade de diferentes indivíduos. A não-certeza do tempo é a capacidade de aparecer em qualquer momento em que os discípulos estejam prontos, seja no passado, presente ou futuro.

Além disso, o modo de aparição tem duas formas, o modo de aparição supremo e o modo de aparição multifacetado. O modo de aparição supremo tem dois aspectos: o modo de aparição descendente da compaixão e o modo de aparição que ascende através dos veículos (*Theg-Pa*). Quanto ao modo de aparição descendente da compaixão, é do modo intrínseco com as duas purezas que surge a força inata do modo de fruição com as cinco certezas. Isso, por sua vez, dá origem às manifestações especiais de aparição. Em contradistinção, o modo de aparição que ascende através dos veículos mostra a forma dos iogues do caminho, praticando o caminho para agir em benefício dos seres sencientes.

O modo de aparição multifacetado tem dois aspectos. Um mostrando a forma dos seres nos seis reinos e outro não mostrando tais formas. O primeiro assume uma forma pertencente aos seis reinos e age de acordo com os costumes locais. Assim, ensina realizando o que for necessário para esses seres. Assumindo esse tipo de forma, ou uma forma que seja sua antítese<sup>5</sup>, aparece para agir em benefício dos seres. O modo de aparição que não tem a forma de um ser dos seis reinos se mostra como terra, água, fogo, vento ou espaço, ou como barcos, pontes, pinturas ou estátuas que se automanifestam. Ele assume a forma de templos, estupas, refúgios e assim por diante, e, portanto, age em benefício dos seres sencientes.

Isso conclui a breve explicação da maneira de realizar o triplo resultado: o modo intrínseco da base contendo as duas purezas, o modo de fruição do caminho contendo as cinco certezas e o modo de aparição do resultado contendo as cinco não-certezas. Por favor, mantenha isso em mente.

## NOTAS

2. Mente é usada aqui como a tradução de *Sems, citta*. Neste contexto, não se refere à função cognitiva, à análise de situações, à reflexão sobre temas, ou a trabalhar com pensamentos como meio de clareza. Todas essas são funções da atividade mental operando na esfera da dualidade. O termo "mente" neste contexto se refere a lucidez, presença, clareza, à capacidade noética básica que é inseparável da base aberta e inatingível de tudo. Como seres sencientes, temos acesso a ele, pois é nossa própria base, mas nunca é nossa, pois não pode ser possuída. Tudo o que ocorre em nosso funcionamento mental comum é a radiância do intrínseco. O intrínseco não é criado a partir do funcionamento mental comum.
3. A forma intrínseca não é condicionada. Não é um caminho para algum lugar, mas é a maneira como tudo realmente é, como é.
4. Se pensarmos em termos de começo, a mente não tem começo. Não existe um tempo quando ela não era. O tempo é um conceito que surge e passa pela mente. A mente não tem fonte; não vem ou surge de nada. Ela é não-nascida e, portanto, é vazia e livre de existência inerente.

Se pensarmos em termos de nossa mente estando aqui conosco, e tentarmos identificá-la em termos de localização e duração, descobriremos que ela é evasiva, pois nossos conceitos não podem compreendê-la. Está além da conceitualização e não é um objeto que possa ser alcançado pelo pensamento. Quando você pensa sobre isso, você está meramente pensando sobre a sua ideia, e não é assim que realmente é. Não é uma ideia, um nome ou um sinal. É impossível de localizar e, portanto, vazia e livre de existência inerente.

Se pensarmos em termos de fim, mente, não tendo um começo, não tem substância que possa se exaurir ou chegar ao fim. A mente não é um pensamento que possa ser movido daqui para lá. Não tem destino, nenhum lugar aonde chegar, uma vez que todos os lugares são meramente sua exibição e, portanto, é vazia e livre de existência inerente.

5. Por exemplo, para aparecer como um homem honesto em uma terra de ladrões.

*Tradução: João Vale, Milton Petruczok e Pedro Gomes (26/02/2021)*